

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### Domingo de Páscoa – Ano B

04abril2021

Isaías 25, 6-9; Salmo 118,14-24; Atos 10,34-43

S. João 20,1-18

<sup>1</sup>No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo, logo de manhã, fazendo ainda escuro e viu que a pedra da entrada já tinha sido retirada. <sup>2</sup>Foi a correr ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e disse-lhes: «Levaram o Senhor do túmulo e não sabemos onde o puseram.»

<sup>3</sup>Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao túmulo ver o que se passava. <sup>4</sup>Iam a correr juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro. <sup>5</sup>Inclinou-se para ver e reparou que as ligaduras continuavam ali, mas não quis entrar. <sup>6</sup>Logo a seguir chegou Simão Pedro. Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver as ligaduras no chão <sup>7</sup>e o pano que cobria a cabeça de Jesus dobrado a um canto e não misturado com as ligaduras. <sup>8</sup>Depois entrou também o outro discípulo que tinha chegado primeiro. Viu e acreditou. <sup>9</sup>Na verdade ainda não tinham entendido a Escritura segundo a qual Jesus havia de ressuscitar. <sup>10</sup>Depois disto os discípulos foram-se embora para casa.

<sup>11</sup>Maria ficou junto ao túmulo da parte de fora, a chorar. Entretanto, inclinou-se para dentro <sup>12</sup>e viu dois anjos vestidos de branco. Estavam sentados no sítio onde tinha sido colocado o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. <sup>13</sup>Eles perguntaram-lhe: «Mulher, por que estás a chorar?» E ela disse-lhes: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.» <sup>14</sup>Logo a seguir, voltou-se para trás e viu Jesus de pé mas não sabia que era ele. <sup>15</sup>Perguntou-lhe Jesus: «Mulher, por que estás a chorar? Quem é que procuras?» Ela pensava que era o homem encarregado da propriedade e disse-lhe: «Se foste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste que eu vou lá buscá-lo.» <sup>16</sup>Jesus chamou-a: «Maria!» Ela, voltando-se, exclamou em hebraico: «Rabuni!» (palavra que quer dizer «meu Mestre»). <sup>17</sup>E Jesus disse-lhe: «Não me toques porque ainda não voltei para o meu Pai. Vai ter com os meus irmãos e dá-lhes este recado: eu volto para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus.»

<sup>18</sup>Maria Madalena foi dar a notícia aos discípulos e dizia: «Eu vi o Senhor!» E contou-lhes o que ele lhe tinha dito.

1. Dois momentos. O primeiro, com as surpresas de Maria Madalena – viu que a pedra da entrada já tinha sido retirada – a de Pedro e o outro discípulo ao entrarem no túmulo, e um epílogo – Na verdade ainda não tinham entendido a Escritura segundo a qual Jesus havia de ressuscitar. Nem o escuro da noite nem a tristeza no seu coração foram obstáculos para que Maria Madalena deixasse de ir ao sepulcro onde tinham depositado o corpo de Jesus. Nas narrativas de Marcos e Lucas refere-se que as mulheres se dirigiram ao sepulcro com aromas e perfumes de acordo com as tradições funerárias da sua cultura, mas em João nada se diz sobre isso. Parece que Maria Madalena ia só e sem nada. Ou, ia com tudo, o que cabia na memória de quanto havia recebido de Jesus, a sua libertação do pecado, as palavras de conforto e esperança que a ajudaram a superar-se da sua vida anterior, as imagens dos Seus milagres e da Sua compaixão para com todos os que O procuravam para livrar-se de enfermidades e medos. Afinal, Maria Madalena ia cheia e pronta para honrar o seu Senhor sepultado com a sua presença, as suas memórias e talvez algum salmo que soubesse de cor. Mas, coisa estranha, o túmulo estava aberto porque a pedra que o tapava *tinha sido retirada*. Aflita, desorientada, não entra no

sepulcro, volta para trás e vai avisar Pedro e o outro discípulo – *«Levaram o Senhor do túmulo e não sabemos onde o puseram.»* É uma atitude bem humana, perante um acontecimento tão insólito procurar apoio naqueles que estão mais próximos e que podem ajudar no choque do inesperado. Pedro e o outro discípulo (que se pensa ser João, o próprio evangelista) ratificam a informação de Maria Madalena e, ainda, reparam que as ligaduras que envolviam o corpo de Jesus estavam no chão enquanto o manto que cobria a cabeça de Jesus estava dobrado a um canto. Os sinais da morte estão aí, enrolados e dobrados, a significar que ela perdeu o domínio sobre a humanidade. Mas os discípulos não perceberam... e foram para casa. Maria, porém, *«ficou junto ao túmulo da parte de fora, a chorar»*. Ou seja, os discípulos quanto Maria Madalena não saíram da sua visão tumular, presos ao fracasso da Sua paixão, crucificação e morte, porque *«ainda não tinham entendido a Escritura segundo a qual Jesus havia de ressuscitar»*.

2. O segundo momento. Maria Madalena mantém-se junto ao sepulcro, *da parte de fora*, a chorar, a desfolhar a sua dor. Espreita para dentro e vê *«dois anjos vestidos de branco sentados no sítio onde tinha sido colocado o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés»*. Estabelece-se uma conversa entre ela e aquelas duas figuras etéreas com Maria Madalena a manter a sua visão *«levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram»*. Depois, atrás de si, vê um homem, que não sabe que é Jesus e confunde com o jardineiro do horto. Jesus pergunta-lhe: *«Mulher, por que estás a chorar? Quem é que procuras?»* e, depois da sua resposta como se fosse ao jardineiro, Jesus chama-a *«Maria!»*. E ela reconhece-O. Não pelo que viu mas pelo que ouviu. O seu nome, dito em voz suave e doce, como que a acorda e introduz numa outra “realidade”. Responde, explodindo de alegria: *«Rabuni!»*, uma palavra hebraica que quer dizer “Mestre” e lança-se para abraçar os pés de Jesus (S. Mateus 28,9). Esta tão natural e humana atitude de nos apropriarmos daquilo ou daquele(a) que amamos, de o(a) fazermos só nosso(a)! Mas, Jesus diz-lhe: *«Não me toques porque ainda não voltei para o meu Pai. Vai ter com os meus irmãos e dá-lhes este recado: eu volto para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus»*. E ela foi com o coração cheio: *«Eu vi o Senhor!»*. Para os discípulos a quem deu a notícia, Maria Madalena vinha do sepulcro vazio, porém, para ela vinha de coração renovado porque iluminada pelo encontro transformador com Jesus ressuscitado.

3. Este tempo de pandemia, com os nossos medos e confinamentos, aparenta-se com um ar tumular. Fechados em casa, ausentes de contactos pessoais com familiares e amigos, com máscaras que nos diminuem a identidade e o reconhecimento dos outros, temos a sensação de que vivemos encurralados na estreiteza das nossas seguranças. É natural, portanto, que esperemos o ar livre de máscaras e o carinho do abraço, do beijo e do toque pessoal que nos caracteriza como pessoas. Isto é, precisamos de mudar, de ressuscitar! Mas, para isso, convém que aprendamos a ressuscitar, ou seja, a assumir responsabilidades, a exigir a verdade e o que é justo, a cuidar dos outros e a estar preparados para explicar o porquê da nossa esperança (I Pedro 3, 15). Assim, mesmo em pandemia, celebremos a Páscoa. “Deixemo-nos envolver pela presença de Jesus ressuscitado, como quem entra na fonte da vida e, sofrendo e alegrando-se, crescer em individualidade, em liberdade e em comunhão fraterna” (Jorge Teixeira da Cunha – VP 24mar21).

Aleluia! Cristo ressuscitou! Na verdade ressuscitou! Aleluia!

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana